

MIGRAÇÃO E FAMÍLIA: A CONSOLIDAÇÃO DE PARANAENSES EM JARAGUÁ DO SUL/SC

Migration and Family: the consolidation of citizens from Paraná in Jaraguá do Sul/SC

Ancelmo Schörner*

Estudos sobre a migração têm destacado o forte caráter “familiar” como uma característica fundamental deste processo. Este artigo analisa as formas pelas quais migrantes paranaenses deixaram suas terras e foram morar em Jaraguá do Sul, principalmente nos morros da Boa Vista e no Morro da Pedra. Observamos que não apenas a decisão e a estratégia da migração é estabelecida no âmbito desta família ampliada, mas também as rotas e locais de destino frequentemente dependem das informações, contatos e articulações estabelecidas com parentes, amigos e membros da comunidade de origem. Para tal, visitamos os dois morros várias vezes e entrevistamos 98 migrantes, que se mudaram para Jaraguá do Sul entre 1970 e 2000. Na maioria dos casos esses migrantes não se deslocaram no “escuro”, sem nenhuma informação sobre as trajetórias a serem feitas, mas sempre baseados em, e ancorados por, conhecidos que já estavam na cidade e aos quais poderiam recorrer quando necessário.

Palavras-chave: Migração; Redes migratórias; Jaraguá do Sul; Comunidades

Studies on migration have emphasized the strong “family” nature as a key feature of this process. This article examines the ways Paraná migrants left their land to live in Jaraguá do Sul city, mainly in the hills of Boa Vista and Morro da Pedra. It has been observed that not only the decision and the strategy of migration are established within this extended family, but also the routes and locations often rely on information, contacts and joints established with relatives, friends and members of the community of origin. For the purpose of this study, the two hills have been visited several times

* Professor do Departamento de História da Universidade Estadual do Centro-Oeste (UNICENTRO/PR), campus de Irati. Atualmente desenvolve estágio de pós-doutorado na Universidade de Santa Cruz/RS no Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional. Blumenau/Brasil.

and 98 migrants, who had moved to Jaraguá do Sul between 1970 and 2000, have been interviewed. In most cases, those migrants had not blindly moved, without any information about the paths to be made, but always based on, and anchored by friends who were living in town and could be of use when needed.

Keywords: Migration, Migration networks; Jaraguá do Sul; Communities

Diversos estudos sobre migração interna no Brasil têm destacado o forte caráter familiar – a chamada família ampliada – como uma característica fundamental deste processo.¹ Não apenas a decisão e a estratégia da migração são, na maior parte das vezes, estabelecidas no âmbito da família, mas também as rotas e locais de destino frequentemente dependem das informações, contatos e articulações estabelecidas com parentes, amigos e membros da comunidade de origem e de destino. É essa rede de contatos familiares e comunitários que viabilizava o deslocamento e o próprio processo migratório como um todo.²

Quase sempre, com o passar do tempo, vão afrouxando os laços de compadrio, e com os novos modos e hábitos reinventam o seu cotidiano nos espaços que ocupam. Entretanto, a terra do Paraná, por exemplo, deixa traços, marcas e indícios das origens no viver cotidiano dos novos moradores. Esses traços podem ser identificados no andar, nos gestos e no vocabulário. Apesar disso, a redefinição das pessoas e da família na estrutura urbana é vivida em meio à desagregação dos laços de solidariedade, à perda dos valores e ideais, que resultam numa sistemática desapropriação e reapropriação dos elementos de auto-reconhecimento através de contatos prévios e os lugares de destino eram, invariavelmente, regiões onde já residiam amigos, conterrâneos ou parentes.

Este artigo é parte de nossa pesquisa de doutoramento em História (defendida no programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal de Santa Catarina em 2006) e que tratou do processo migratório de paranaenses para Jaraguá do Sul/SC. Nossa pesquisa centrou-se nos que foram morar no Morro da Boa Vista e no Morro da Pedra. No primeiro caso as entrevistas³ foram realizadas entre 24/07/2003 e 21/08/2003 com 66 pessoas.

¹ Ver sobre isso: DURHAM, Eunice Ribeiro. *A caminho da cidade: a vida rural e a migração para São Paulo*; ALVIM, Rosilene. *A sedução da cidade: os operários-camponeses e a fábrica dos Lundgren*. Rio de Janeiro: Graphia, 1997; GARCIA, Ronaldo Aurélio. *Migrantes mineiros em Franca: memória e trabalho na cidade industrial (1960-1980)*. Franca: Unesp, 1997; LUCENA, Célia Toledo. *Artes de lembrar e de inventar: (re) lembranças de migrantes*.

² FONTES, Paulo Roberto Ribeiro. *Comunidade operária, migração nordestina e lutas sociais*. São Miguel Paulista (1945-1966), p. 71.

³ Nesse momento, seguimos um roteiro previamente estabelecido, onde a idéia era conseguir uma amostra do conjunto dos moradores dos morros. A princípio ele era um roteiro fechado, isto é, tinha a pretensão de ser um instrumento de coletas de dados quantitativos, posto que entrevistas gravadas também estavam sendo feitas com o objetivo de apreender as Histórias dos moradores. Com o tempo,

No segundo entrevistamos 32 pessoas entre 26/08/2003 e 05/10/2003.

O Morro da Boa Vista representa um dos espaços mais antigos de ocupação de Jaraguá do Sul, remetendo-nos ao início do processo de colonização, a partir da década de 1870. Mesmo assim, nunca recebeu dos poderes públicos a devida atenção, e seus moradores, originalmente negros vindos do Rio de Janeiro e do Nordeste para trabalhar no Engenho Jaraguá, de Emílio Carlos Jourdan, convivem com o abandono, o descaso e a segregação. Atualmente muitos migrantes, vindos de diversas cidades de Santa Catarina e do Paraná, moram no morro. Por isso é um dos locais mais apropriados da cidade para confrontar as cores vivas da realidade com os dados oficiais, que colocam a cidade nos primeiros lugares em qualidade de vida do país.

O Morro da Pedra foi escolhido por representar de maneira clara as tensões existentes entre “nós” e os “outros”; os conflitos entre “os daqui” e “os de fora”, haja vista que a maioria de seus moradores, migrantes paranaenses oriundos das regiões Oeste/Sudoeste e Paraná Tradicional, sofreram processos de culpabilização e criminalização. Sua ocupação é mais recente e remonta aos anos de 1980.

A vinda desses migrantes e sua ida para os morros remete ao conceito de redes migratórias. Certa imagem da migração, vista apenas como um movimento desordenado, “irracional”, feito às pressas, não corresponde à experiência de grande parte dos migrantes. A mudança, decisiva para a vida dos envolvidos, era, na maior parte das vezes, meticulosamente pensada e preparada da melhor forma possível tanto no âmbito familiar como no da comunidade.

A perspectiva de redes procura explicar como são forjadas as relações sociais. Aplicadas aos fenômenos migratórios, é apostado que as redes fornecem contextos sociais de referência para o indivíduo que deseja migrar, tornando-se assim um instrumento valioso para estudar a ação social, já que elas são capazes de condicionar comportamentos.⁴

contudo, ele se mostrou um importante material de acesso a muitas informações sobre eles. O questionário continha cerca de 90 questões, agrupadas em 18 itens, tais como idade, escolaridade, características da trajetória migratória, condições de aquisição do terreno em Jaraguá do Sul, rede de amizades acionada ao sair, chegar e se estabelecer, motivações e razões da migração, condições gerais da rua e do morro etc.. No total falamos com 98 pessoas, dos quais 83 (84,7%) são migrantes – 48 (57,8%) são de paranaenses, 30 (36,1%) são de outras cidades de Santa Catarina e cinco (6,1%) de outros Estados – e 15 (15,3%) de Jaraguá do Sul. As entrevistas partiram tanto de histórias de vida, que é o relato de uma narrador sobre sua existência através do tempo e através do qual delineiam-se as relações sociais com os pares de seu grupo, de sua profissão, de sua camada social, quanto do relato oral, que é uma forma menos ampla e livre que acontece quando é solicitado do narrador a abordagem, de modo especial, de determinados aspectos de sua vida (LUCENA, Célia Toledo, *op. cit.*, p. 20ss).

⁴ TRUZZI, Oswaldo. “Redes em processos migratórios”, p. 208.

Muita gente vinha pra Jaraguá através de contatos com amigos que trabalhavam aqui. Eles sempre iam visitar a gente, mandavam recados e a gente vinha. Quando cheguei fiquei morando na casa dum amigo e depois meus pais vieram; ele também me arrumou um emprego em uma fábrica de plásticos, onde trabalhei uns anos (Francisco, Morro da Boa Vista).

Em muitos casos, observamos, nas entrevistas realizadas, o risco calculado do parcelamento (provisório) da família em migrar. Assim, jovens, solteiros, que mantém contatos com amigos, parentes, conhecidos, geralmente são os primeiros a sair, mas mantém laços sempre atados com a terra de origem. A migração sucessiva dos membros do grupo oferece a vantagem indiscutível de garantir a posição anterior enquanto se tenta estabelecer uma nova posição. Só com a consolidação dos membros no ambiente urbano é que se procede à migração dos outros e o abandono da posição ocupada na sociedade rural.

A gente vinha, mas assim meio desconfiado do que ia encontrar. Muita gente nunca tinha saído do patrimônio e isso era um grande desafio pro povo que queria vir. Mas ele vinha porque lá não dava mais quase nada. (...) mas quem tinha um pedaço de terra não vendia tudo, que era pra garantir se alguma coisa aqui desse errado e ter pra onde voltar (Alzira, Morro da Pedra).

A migração de uma família grande é quase sempre realizada em estágios, precedida da segmentação do grupo original e migração inicial dos jovens isoladamente. Assim, a migração que se apresenta inicialmente como movimento de indivíduos isolados e parece provocar a fragmentação do grupo doméstico, pode se transformar na migração de famílias ou segmentos da família, pela migração sucessiva dos membros e reconstituição total ou parcial do grupo original.⁵

Mesmo assim, os jovens não migram completamente sós. Eles se locomovem dentro de um grupo recrutado na comunidade de origem. Os jovens frequentemente partem com famílias conhecidas, com amigos que já migraram antes, ou vão à procura de parentes. Esses grupos dão ao migrante a segurança da companhia e do conhecimento da situação nova que terão de enfrentar.

Desta forma, é importante observar como as histórias de vida são construídas e vão se entrelaçando umas às outras. A mobilidade da força de trabalho alastra as experiências adquiridas durante os trajetos migratórios e ocupacionais. Os que saem primeiro em busca de emprego na cidade grande exercem a função de ponteiros para os que ficam no aguardo de um aceno positivo para também partir. Geralmente o pai, os

⁵ DURHAM, Eunice Ribeiro, *op. cit.*, p. 134.

irmãos mais velhos, ou algum outro membro da família, exercem o papel de rastreadores, de “interpretes do mundo”, enquanto a mãe e os filhos mais novos permanecem no local à espera de alguma notícia. Os “guias”, quando em terras estranhas, procuram contato com algum parente ou conhecido que já vive no lugar há algum tempo. Esses encontros servem para restabelecer os laços de parentesco, amizades, atualizar os acontecimentos e trocas de informações sobre emprego, custo de vida, moradia, e outras “dicas” importantes para quem acaba de chegar. Mediante esses encontros especulares são tecidas as redes de solidariedade que amenizam a dor e o sofrimento de quem está longe de casa.⁶

No que concerne ao tema da informação, constitui uma variável-chave o modo como esta se dissemina. Tal processo é normalmente concebido por meio de redes, cujo grau de abrangência pode variar muito. Há redes circunscritas a círculos familiares, há outras mais extensas que perpassam informações a toda uma região. Porém, podem ser observados obstáculos geográficos ou, o inverso, eixos de circulação importantes (estradas ou vales) que influenciam na disseminação da informação. Além disso, nem sempre a proximidade física, vínculos pessoais fortes, nos quais existe o reconhecimento de relações (obrigações) recíprocas, são determinantes para fundamentar a decisão de migrar.⁷

Outro ponto importante é a confiabilidade atribuída a tais informações, o que enfatiza a importância das chamadas relações sociais primárias. Nos casos dos dois morros estudados as pessoa ou famílias que estavam propensas a migrar buscavam informações entre os que já tinham realizado tal processo, o que significava segurança na empreitada.

Ademais, os atributos sócio-demográficos e sócio-ocupacionais expressos através da origem do migrante, o grau de desenvolvimento e complexidade da estrutura ocupacional das localidades de destino, o contexto conjuntural na partida e na chegada, o tempo de residência e de conhecimento das “regras do jogo” na localidade de destino constituem, nesse sentido, fatores intervenientes que potencializam as facilidades ou dificuldades de inserção ocupacional.⁸ Assim, a existência de redes de relacionamentos familiares, pessoais, conhecidos, foi um dos motivos que mais contribuiu para que a escolha do local de destino recaísse sobre Jaraguá do Sul.

⁶ LOPES, José Carlos Cacau. *A voz do dono e o dono da voz: trabalho, saúde e cidadania no cotidiano fabril*, p. 80.

⁷ TRUZZI, Oswaldo, *op.cit.*, p. 206, *apud* GRIECO, M. *Keeping It in the family: social networks and employment chance*. Londres: Tavistock Publications, 1987.

⁸ JANNUZZI, Paulo. *Migração e mobilidade social*, p. 214.

Aqui em Jaraguá do Sul eu já tinha uns parentes que vieram em 1986, 87. Naquela época a gente ia passear na casa deles no final do ano ou eles vinham de volta pra casa. Nessas horas é que se falava de como iam as coisas em cada lugar, se tinha emprego, se era fácil de conseguir, se tinha onde morar, essas coisas. Além das visitas a gente se falava por telefone às vezes. Carta também se mandava, mas era pouco. Eu morava a sessenta e quatro quilômetros do centro da cidade e em 1987 foi instalado um posto de serviço no patrimônio, com telefone, o que facilitou a vida da gente (Seu João, Morro da Pedra).

Nesse movimento ele conhece novas pessoas, estabelece novas relações, que são outras tantas fontes de informações e outros tantos pontos de apoio. É por isso que o migrante rural, principalmente, procura o apoio das relações pessoais. São os amigos, os conhecidos, que agem como “intérpretes” do mundo urbano e transmitem a sua experiência pessoal, favorecendo a aprendizagem necessária à integração na vida na cidade.

Ao chegar a determinado lugar, o migrante inicia várias lutas: não só a da sobrevivência imediata pela busca do emprego, mas a luta pela conquista de melhores condições de vida no bairro em que consegue morar. Aqueles que adquirem um pequeno lote sabem que não é só a casa que precisa ser construída nos fins de semana, muitas vezes em mutirão. Percebem, também, que é preciso se organizar para trazer os benefícios urbanos que os bairros mais ricos têm em sua totalidade. Os migrantes não percorrem esses caminhos sozinhos; estabelecem em seus grupos de vizinhança, na igreja, no clube de futebol, redes variadas de uma sociabilidade que se constrói no interior de um processo marcado também por tensões e descontinuidades, mas que exprimem um novo modo de viver o dia-a-dia no espaço urbano.

É neste momento de transição de um local ao outro que a existência de redes sociais de parentesco, de vizinhança e de solidariedade tornam-se fundamentais para os migrantes recém-chegados. Através dessas redes, muitas famílias puderam se inserir de fato na nova comunidade. No caso do Morro da Pedra, habitado por um número considerável de migrantes de uma mesma região, o Centro-Sul do Paraná, isso facilitou a permanência de laços de parentesco, compadrio, vizinhança e solidariedade. O fato de vários membros da família viver próximos uns dos outros, de algumas famílias se organizarem em unidades extensas, ou até de haver proximidade de conterrâneos e amigos de diáspora, possibilitava a formação de uma rede de apoio, em que avós, tios, sogros, companheiros, cooperavam com seus parentes, ajudando tomar conta dos filhos para que alguns pudessem trabalhar fora, na construção da moradia, dividindo o lote para construir mais casas, emprestando dinheiro, indicando empregos.

A história de Marcelino, do Morro da Pedra, ilustra isso. Ele trabalhava em uma empresa de pavimentação, viajando para aonde tinha serviço. Chegou a Jaraguá do Sul em 1990 por acaso. Ele morava em Dois Vizinhos/PR, mas trabalhava para uma companhia de pavimentação em Guarapuava/PR. Quando acabou o serviço foi demitido e foi para Curitiba/PR “ver se conseguia um emprego, que ali teria mais oportunidade. Como eu sempre tinha trabalhado em firma eu pensava em ficar em Curitiba mesmo”. Em Curitiba ficou sabendo, através de um jornal, que estavam precisando de gente para trabalhar na pavimentação da BR 280, que liga Corupá a São Bento do Sul/SC. Como era uma época de chuva não chegou a trabalhar. Em Jaraguá do Sul “fiquei hospedado uns quatro meses na casa de um amigo meu no bairro Vila Rau que me convenceu a ficar a procurar emprego na empresa X, onde trabalhei três anos e meio. Aí saí da X e comecei no ramo têxtil, onde trabalho até hoje” (Marcelino).

Após conseguir ajuda para morar e trabalhar com um amigo, Marcelino se transformou em uma espécie de guia de parentes e conhecidos, conseguindo moradia e emprego para muita gente.⁹ Segundo ele, chegou a fazer propaganda no Paraná para trazer gente a pedido da empresa onde trabalhava. Para Marcelino, a migração significava a possibilidade conseguir emprego, direitos trabalhistas, sair de uma situação ruim e tentar a sorte em outro lugar.

Segundo Marcelino, em primeiro lugar, quem estava em Jaraguá do Sul deveria procurar arrumar uma casa para os que chegassem terem onde morar. A “segunda era arrumar emprego. A gente ia pra lá pro Paraná visitar e os caras que queriam vir falavam ‘tu arruma uma casa pra mim’”. Assim, depois de conseguir casa e vaga de emprego, o interessado era avisado e ele marcava sua ida para Jaraguá do Sul.

Às vezes a pessoa já vinha com tudo, com mala e cuia como diz o ditado. Às vezes vinha só o homem e depois ia buscar a família. Assim ia. Meu cunhado veio com tudo. Meu sobrinho também eu arrumei uma casa pra ele. Era só ele e a mulher já veio e já logo começou a trabalhar e logo ele também. A ajuda familiar na época era muito interessante porque além de você arrumar o lugar pra pessoa morar você também indicava o emprego. No emprego onde você trabalhava você indicava o amigo ou parente. Era assim. Tudo tinha que se ajudar, familiares, amigos, conhecidos, tudo. Porque quando se trata de família tanto faz a minha como a sua, do vizinho, tudo é família. Acho que toda ajuda de uma família pra outra é importante porque pode garantir a sobrevivência do pessoal na cidade. Era uma ajuda importante pra pessoa

⁹ “Quando eu cheguei em Jaraguá já vim direto para o Morro da Pedra, que era um lugar mais barato de se comprar terreno e de gente conhecida. (...). Aqui eu vim pela indicação de um amigo, que hoje é meu vizinho, o Marcelino. Foi ele que me ajudou. Ele foi o guia de muita gente até aqui; ele ajudou muita gente aqui no Morro da Pedra” (Veroni).

se estabilizar na época, se estruturar melhor, ter onde morar e conseguir emprego. Era assim que funcionava (Marcelino).

A família ampliada, como rede e local da memória, constitui o canal crucial entre os dois lugares. As redes (in)formais de solidariedade constituídas nas ruas dos morros de Jaraguá do Sul vão desde coisas emprestadas, indicações para emprego, ajuda financeira para os primeiros dias, cuidar dos filhos, um lugar para morar, indicação de lugares onde se pode conseguir documentos, até convites para festas, bailes, jogos de futebol. Enfim, essas redes são importantes para se começar a dominar a cidade e seus novos “carreros”, dominar o novo espaço.

Lá a gente trabalhava na roça, mas não dava mais. A nossa terra lá era pequena, os preços não compensavam e estava tudo cada vez mais caro. Aí deu certo da gente já saber daqui por uns amigos que tinha vindo antes, né, que de lá veio bastante gente pra Jaraguá e alguns até tão aqui no morro. Foi se criando uma rede de propaganda entre o povo de lá sobre Jaraguá. Então um vinha e depois já chamava outro e assim ia. Quem já estava aqui ajudava quem chegava e se ia tocando a vida (Zélia, Morro da Boa Vista).

Essas ajudas são imprescindíveis para que os migrantes sobrevivam em locais e espaços que não conhecem, não dominam, mas que precisam conhecer e dominar urgentemente, pois do contrário isso pode significar a volta, nem sempre bem-vista, ao local de origem. Isso demonstra a fluidez das relações sociais, mas não exclui a existência de grupos de vizinhança relativamente permanentes, que podem se encontrar novamente na cidade, depois de desfeitos pela migração. Cria-se, com isso, uma base de dependência, que pode se alargar ou apertar de acordo com as necessidades dos migrantes.

O aspecto mais importante, privilegiado nas análises segundo essa perspectiva, são as relações entre os indivíduos, e não os atributos de cada um deles. O ponto fundamental é buscar, a partir de cada indivíduo, a identificação de sua rede de relações. Assim, o conceito de redes concebe a sociedade como um conjunto de relações, e introduz uma dimensão da estrutura social entendida como estrutura de relações, o que é bastante diferente de imaginá-la como estruturada segundo categorias agregativas.¹⁰

A adoção de uma perspectiva de redes interessa a todos os que se ocupam dos fenômenos migratórios, tanto no presente como no passado. Em primeiro lugar, porque eles normalmente ocorrem segundo critérios bastante seletivos por origem e tipo de migrante. Em segundo, porque

¹⁰ TRUZZI, Oswaldo, *op.cit.*, p. 214.

em geral tais fenômenos não acontecem isoladamente como resultado de decisões individuais, mas de grupos de pessoas relacionados por familiaridade e destino comum. Esses grupos não eram meras categorias - homens ou mulheres, jovens ou idosos, habilitados ou não habilitados, pobres ou ricos, solteiros ou casados, militantes ou apolíticos, crentes ou agnósticos. Claro que indivíduos migraram, às vezes, sozinhos. Mas o fizeram como participantes de um processo social que se estendia muito além deles próprios.¹¹

A manutenção ou a mudança do modo tradicional de vida não pode ser compreendida exclusivamente em termos de organização interna dessas comunidades, mas como resultado de pressões que emanam da sociedade global na qual se inserem. É a relação entre essas forças “externas” e o equipamento sócio-cultural tradicional que nos permite analisar a direção da transformação que se processa e as possibilidades de ajustamento dos indivíduos à nova ordem social em emergência.¹²

As trajetórias migratórias conformam os movimentos de deslocamento de grupos ou pessoas que seguem diversos roteiros. Mais do que fenômenos particulares elas revelam modos coletivos de reprodução social. A migração, enquanto projeto (individual ou familiar), se impõe, quase sempre, como alternativa frente à precarização das condições de sobrevivência no lugar de origem. São momentos de passagem (travessia) de um tempo para outro, de ajustamentos à nova realidade. Em seu novo espaço, o migrante encontra-se mais ou menos desprovido dos conhecimentos necessários para se adaptar e enfrentar essa situação estranha. As relações de parentesco e de vizinhança, ao serem mobilizadas desde a partida até a escolha da estação de chegada, facilitam o assentamento das pessoas que desembarcam e **reconstituem, pelo menos parcialmente, os laços familiares e de amizade.**

A família e os parentes são pessoas que auxiliam na passagem de um estilo de vida a outro, colaborando na reconstrução de representações no novo espaço, orientando o universo das rotinas diárias e dando suporte à criação de novas identidades. Passado esse momento inicial, e ao se inserir no mercado de trabalho, por exemplo, ele passa a contar com outros referenciais: novos amigos, novos mundos, outras experiências, onde aprende a manipular novos padrões de tecnologia, enriquece sua experiência de vida, tanto pessoal quanto social; passa a viver uma nova forma de sociabilidade que significa uma descontinuidade com o estilo das relações e experiências anteriores.

¹¹ *Ibidem*, p. 214-215.

¹² DURHAM, Eunice Ribeiro, *op. cit.*, p. 96.

Do interior do Paraná ou de Santa Catarina até a cidade de destino, isto é, Jaraguá do Sul, muitas foram as etapas percorridas, sempre pontuadas, porém, pela família e/ou conhecidos: um tio, um amigo, um conhecido, uma prima, um “de lá”. Com o tempo, e uma vez na cidade, vai se ampliando e reforçando os laços de sociabilidade para além do círculo mais restrito da família.

Entre migrante e família, no local de destino, há a recuperação e a reinterpretação de um conjunto de normas e valores comunitários no interior das relações societárias, onde a mobilização de parentes, vizinhos e conhecidos são relações atualizadas na vida urbana e constitutivas dela. Nesse processo, as tradições, os modos de enfrentar a vida são revisitados e traduzidos para o momento presente. Como resultado, a família se reestrutura internamente, tanto no que diz respeito às suas relações “domésticas” quanto à sua ligação com o trabalho e suas estratégias de sobrevivência no novo território, através de ajuda financeira, moradias conjuntas, mutirão para construção de casas para os que estão chegando, indicação para arrumar emprego.

A adaptação do migrante recém-chegado ao meio social se dá frequentemente mediante mecanismos de ajuda mútua e de solidariedade de migrantes mais antigos. Isto significa que o lugar que o novo migrante irá ocupar na estrutura social já é, em boa medida, predeterminado pelo seu relacionamento social, isto é, por sua situação de classe anterior. Desse modo, é importante considerar que os laços de solidariedade familiar e de origem comum refletem situações de classe social e desempenham um papel de suma importância na integração do migrante à economia e à sociedade do lugar de destino.

Na cidade, os laços sociais, decorrentes de uma situação de classe comum, entre migrantes antigos e novos são imprescindíveis neste novo momento. Os primeiros migrantes, ao assegurarem seu sustento, mesmo que seja como servidores domésticos ou trabalhadores autônomos, “chamam” outros (migrantes), geralmente parentes ou amigos, oferecendo-lhes não apenas o benefício de sua experiência, mas também apoio material e, eventualmente, oportunidade de trabalho.

Os parentes que eu tinha aqui muito me ajudaram no começo. Prá começar incentivaram bastante a vir. Depois ajudaram a conseguir os documentos necessários e emprego na Y, onde entrei em 27/04/89 e estou até hoje. Essa ajuda era importante; depois eu mesmo arrumei emprego para umas dez pessoas da minha família que ainda estavam no Paraná. O chefe pedia se a gente conhecia alguém que estava sem emprego ou queria sair do Paraná. Caso positivo, a gente era incentivado a trazer essa pessoa pra cá. Quando a gente indicava alguém era quase certo que ela ia conseguir o emprego,

porque a palavra da gente estava empenhada com a empresa (...). Na época era fácil de arrumar emprego pra gente e para os outros. Era indicar e começar a trabalhar. Naquele tempo não se exigia muito papel como hoje para se começar a trabalhar. Hoje não. O cara tem que fazer um monte de exame, ter experiência, escolaridade, tempo de cidade. Está bem mais complicado (Seu João, Morro da Pedra).

O valor do “vizinho” ou do “compadre” na cultura popular não é traço meramente peculiar e que se chegaria ao cúmulo de considerar pitoresco. É índice de que a casa não começa e termina na casa. Fazer vizinhança é fundamental para sua inserção na cidade, no morro. Se viver perto demais pode agravar o caráter intrusivo da convivência (várias famílias vivendo em uma única casa), essa é uma possibilidade diante da falta de moradia nos primeiros meses da mudança.

Apesar da falta de liberdade e privacidade, essas ajudas sempre são lembradas. São lembranças cheias de agradecimento para quem deu a mão, carinhosamente, na hora das privações, das necessidades e dos acidentes. Gente que cuidou de si mesmo, dos seus e dos outros. Essas são lembranças de relações, nas quais é notável a memória de reciprocidade e de iniciativas. São pessoas encarecidas não por lhe terem servido, mas por lhe terem solicitado e recebido os seus próprios serviços. A gratidão é pelo que se recebe: e o que se recebe, especialmente, é a oportunidade de ofertar também.¹³

A migração, mesmo a de jovens solteiros, em geral, não acarreta a dissolução completa dos laços com o grupo original. Em primeiro lugar porque ela já se refere dentro de um movimento de relações formado na comunidade original. Em segundo lugar porque, efetuada a migração, a comunidade de origem passa a apelar para os laços de solidariedade anterior, reforçando-os. O migrante passa a ser um ponto de contato entre a sociedade na qual se estabelece e a comunidade de origem. Familiares, parentes ou conterrâneos seguem-no na migração e o procuram para auxiliá-los a estabelecerem-se na sociedade de destino.¹⁴

Conhecidos meus que morava e trabalhava em Jaraguá falavam muito da cidade. Eu sempre ia adiando a vinda, deixando prá depois, pensando que lá ia melhorar. Uns parentes e irmãos vieram antes. Um colega arrumou onde eu morar e também trabalhar. Eu vim e depois vieram os outros. Um chamava o outro e assim todos foram saindo. Me lembro que foram uns dez anos de cartas entre esses conhecidos [há um ano as cartas foram jogadas fora]. Hoje a gente se contata é por telefone com quem ficou no Paraná (Paulo, Morro da Boa Vista).

¹³ GONÇALVES FILHO, José Moura. *A memória da casa e a memória dos outros*, p. 24.

¹⁴ *Idem*, p. 130-131.

Durante nossa pesquisa observamos, em muitos casos, que a migração só ocorria depois que alguém da família ia até Jaraguá do Sul analisar a nova realidade a ser enfrentada. Esses “ponteiros” são, por assim dizer, uma espécie de “fio de Ariadne”, pois permitem que os migrantes permaneçam ligados aos mais próximos, aos conhecidos.¹⁵ Com os ponteiros há o acionamento das relações de parentesco e amizade entre os migrantes com o objetivo de garantir emprego, moradia, sobrevivência na cidade. A família e o grupo de parentes são os personagens que auxiliam na passagem do estilo de vida do rural para o urbano, colaborando nas reelaborações de representações no novo lugar, orientando na busca de empregos, na participação no novo universo cultural e dando suporte na interpretação de novas identidades.

Assim, redes migratórias podem ser definidas como complexos laços interpessoais que ligam migrantes e possíveis migrantes nas áreas de origem e de destino, por meio de vínculos de parentesco, amizade e conterraneidade. Além disso, existem as funções sociais destas redes, entendidas como agrupamentos de indivíduos que mantêm contatos recorrentes entre si por meio de laços ocupacionais, familiares, culturais ou afetivos. Elas são formações complexas que canalizam, filtram e interpretam informações, articulando significados da realidade migratória.

Bibliografia

- DURHAM, Eunice Ribeiro. *A caminho da cidade: a vida rural e a migração para São Paulo*. São Paulo: Perspectiva, 1984.
- FONTES, Paulo Roberto Ribeiro. *Comunidade operária, migração nordestina e lutas sociais: São Miguel Paulista (1945-1966)*. Campinas, 2002. Tese de Doutorado. Departamento de História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas.
- GONÇALVES FILHO, José Moura. “A memória da casa e a memória dos outros”, in *Travessia*, n. 32 (Memória), set./dez./1998.
- JANNUZZI, Paulo. *Migração e mobilidade social*. Campinas: Autores Associados, 2000.
- LOPES, José Carlos Cacau. *A voz do dono e o dono da voz: trabalho, saúde e cidadania no cotidiano fabril*. São Paulo: Hucitec, 2000.
- LUCENA, Célia Toledo. *Artes de lembrar e de inventar: (re)lembraças de migrantes*. São Paulo: Arte e Ciência, 1999.
- TRUZZI, Oswaldo. “Redes em processos migratórios”, in *Tempo Social*, vol. XX, n.1, jul./2008.

¹⁵ LOPES, José Carlos Cacau, *op. cit.*, p. 80.